



This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

- + *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
- + *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
- + *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
- + *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at <http://books.google.com/>



Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.
- Evite consultas automatizadas.
Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento óptico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.
- Mantenha a atribuição.
A "marca d'água" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.
- Mantenha os padrões legais.
Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As consequências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em <http://books.google.com/>

869.8

F4738

sw

A 469448

PROPERTY OF

*The
University of
Michigan
Libraries*

1817

ARTES SCIENTIA VERITAS

200700

dr







SANTARENAIDA
P O E M A,
EROI-COMICO

D E

FRANCISCO DE PAULA DE FIGUEIREDO.

Dignum laude virum Musa vetat mori.

Horat. l. 4. O. 7.



C O I M B R A.

NA REGIA OFFICINA TYPOGRAFICA.

ANNO M. DCC. LXXXII.

*Com licença da Real Meza da Commissão Geral
sobre o Exame e Censura dos Livros.*

869-8

F473252

75547-190

ARGUMENTO.

OUVE em Coimbra um Taverneiro celebre , chamado Joze Rodrigues Santareno. Este em uma funsaõ que costuma fazerse pela Pascoa do Espirito Santo em Santo Antonio dos Olivais , estando muito suado pelo cansaço do caminho, fartouse de agua , com quem andava divorciado , avia largos anos , e dahi a poucos minutos caiu morto. Revestem-se estas circumstancias Poeticamente , e cantase a sua morte.





SANTARENAIDA.

CANTO I.

POIS me pedes , ó Muza, instantemente,
Que emboque a Eroica tuba altisonante ,
Que a cego Marte impele os peitos fortes;
Eu que sem forſas teu carater ſerio
Em verſos graves ſuſtentar não poſo ,
Reveſtido da lépida Talia
C'o a máſcara atrevida , para enſaio

Cantarei o Varaõ famijerado ,
Que de Baco na guerra com Neptuno
Arvorando do vinho os eſtandartes ,
Depois de ſer trovaõ , ſer raio acezo ,
Que eſpalhava terror no campo inteiro ,
Viçtima infauſta foi por fins de contas
Da vingança cruel do Rei das aguas.

Axavaſe em tremendo conſiſtorio
Com toda ſua Corte o undozo Jove.
Nas intimas entranhas aſoprado

Pela Raiva vorás o confumia
 Um fogo abrazador : eraõ com ele
 As furias de Acheronte , e os vastos mares
 Ao fom de sua vós mudos tremiaõ.
 Quando depois de longos improperios
 Com que a infana paixãõ dezabafára ,
 De cima do alto folio adamantino
 Que sustentaõ seis Doricas colunas
 De maculado marimbre brilhante
 Com bazes de oiro , e capiteis de prata ,
 Esta fala do peito amargurado
 Soltou com grave acento aos seus Magnates,

Sempre eu, Vasaõs nobres, de máo grado ,
 Com justa indignasaõ olhei bramando ,
 Que ouvese sobre a terra um petulante
 Que ouzase de meu povo impunemente
 Atacar os direitos mais antigos ;
 Pois sendo desde muito autorizadas
 As nosas dôces aguas para entrarem
 As umanas guelas , e os arcanos
 Dos buxos penetrar dos omems grandes ,
 Oje a termos as vêdes reduzidas
 De ferem so de aprêso aos brutos rudes ,
 E a despeito de minha autoridade
 Condenadas (oh dor !) das esterqueiras ,

Das

Das imundas alfujas , das cloacas
 A' baixa vergonhoza lavadura.
 Conterme já não pofo ; este atrevido
 Provar do meu tridente as forſas deve.
 Eſte atrevido he Baco : eu pois pertendo
 Punir a ſua audacia , guerrealo.
 Não ade eſte invazor protervo , e altivo
 Zombar ja mais de mim : torſefe a verga
 Em quanto não he tronco : uma faiſca
 Paſa a incendio vorás , ſe não ſe apaga.
 Mas vós aconselhaimo , que eu não quero
 Que a paixão me alucine : o fim he eſte
 Porque oje vos xamei : dos bons conſelhos
 Quazi ſempre ſão filhos os açertos.

Bem como de um enxame ſufurrante
 O inquieto zumbido , ſe ouve n'aula
 O confuzo rumor dos Optimâtes.
 Eſcutaõſe diſcurſos encontrados ,
 Diferentes razoins , pensar diverſo.
 Niſto o Padre Oceano revellido
 De Regia Mageſtade ſe levanta ,
 E abrazado em furôr deſta arte rompe.

Qual ferá de vós outros , que arrojado
 Se atreva a ſuſtentar neſta aſembleia ,
 A' face do ſeu Rei , de toda a Corte ,

Que

4 S A N T A R E N A I D A

Que a meditada guerra não he justa ?
Se aqui algum está , se enfatuado
Algun medir comigo as forças tenta ,
A campo faia ; os ultimos alentos
C'os golpes da razão tirarlhe quero.

Quais mudos troncos Oceano vende
Pasmados da assembleia os membros todos ,
Com mais viço calor profegue irado,

Apague as negras axas acendidas
A severa Nemézis : ja não devem
Ser punidos os mãos : ouzado tale
O iniquo usurpador o campo alheio :
Perturbemse os direitos. . . Oh Justifa !
Oh Deuzes imortais ! . . Eu penso , ó Padre ,
Que altercação não sofre o teu projeto.
Deve a guerra fazerse , a guerra he justa.
Porem não será máo , reflexiono
Eu agora taóhem , que tu primeiro
Vejas se á boa pás quer antes Baco
Estas coizas compor , largando a posse
Dos direitos que audás nos usurpára.
Por tanto uma Embaixada mandar debes
Expondolhe as razoins que te estimuláo ;

E

E no çazo que a pás ele naõ queira
A guerra se lhe intime em continente.

Afim dise , e aprazendo ao consistorio
Rezolve-se Neptuno , e o Tritaõ xama.
Tritaõ que de ser filho se gloria
Do Rei , e da Salacia veneranda :
Mansebo tal , e qual , nem mais nem menos
Como o pinta Camoins no çanto seisto.

Vai tu da minha parte ao Rei dos vinhos
Levar esta Embaixada , dis Neptuno ;
Que o dezaforo vil sendo notorio
Com que da antiga pose as doces aguas
Esbulhadas tem sido por seus vinhos :
Que sendo esta irrupsaõ sobre dominios
De mim das aguas Rei , que sempre hei sido
Justo mantenedor de meus direitos ;
A reça observasaõ do jus das jentes
Com vergonha infrinjida nesta parte ,
Exije que taõ barbaras afrontas ,
Por melhor se atalharem fims funestos ,
Sejaõ severamente castigadas.
Mas que lembrado da clemencia inata
Com que as minhas afoins adornei sempre ,
Perdoandolhe o mais , sómente queto ,

Que

Que enfreado do vinho a audacia summa ,
 De oje em diante perturbar não venha
 Tranquilidades publicas ; que a escolha
 Em sua mão está de päs , ou guerra .
 Se guerra pois quizer , logo em meu nome
 Entaõ a ferro , e fangue lha declara .

Atento o feio Mofo esteve á fala ,
 E cortando lijeiro as altas ondas
 Da grande Niza em fim surjiu na praia .
 Aqui tres vezes a torcida conxa ,
 Que os gigantes na guerra amedrentára
 Altamente tocou : do som terrivel
 Feridas as montanhas se abalárão :
 Tremeraõ da Cidade os abitantes ;
 E dando agudos guinxos , para os colos
 Das mãis os filhos pavidos fujiraõ .
 O nobre Fundador de susto cheio
 C'o a estranheza do cazo , saber manda
 O que he . Eis a Palacio conduzido
 Por entre a multidaõ que concorria
 Atonita , e turbada o Tritaõ chega .
 A Embaixada repete , e carrancudo
 Pela resposta taciturno aguarda .
 O nobre Fundador da alegre Niza

Tur-

Turbado um pouco esteve ; mas sem medo
Ao Trombeta falou desta maneira.

Ja mais no que o teu Rei oje me argúe
Eu tenho consentido , sem que um uzo ,
Um costume geral das Nasoins cultas
Com razao m'o abone : eu não pertendo
Defraudar cada um de seus direitos.
O costume fas lei : tenha Neptuno
O mesmo a seu favor , será contente.
Nem cuide ele talvez , que seus caprixos
Me farao aterrar : não sei ser fraco.
Amease , guerreie : eu inda o mesmo
Sou , o conquistador das Indias vastas.
He verdade que a pás em muito preço ;
Porem se haõ de perderse os meus direitos ,
Ou a guerra accitar , a guerra aceito.

Com esta decizaõ partindo torna
O filho de Neptuno aos Thetios campos.
A seu Pai a repete ; o Velho brama ,
E jura pela Stigie tenebroza
Com toda sua Corte respeitavel
Fazer perpetua guerra ao Rei soberbo.
Tocar manda a rebate ; a Oceano incumbe
O governo do exercito , tentando

8 S A N T A R E N A I D A

Os vinhos atacar em toda a parte.
Com tudo porque sabe que entre os Luzos
Do inimigo poder o centro existe ,
Aqui a mira poim , aqui rezolve
Fazer primeiro arder da guerra o fogo.



CAN-



C A N T O II.

COM um taõ importante rompimento
Revolvendo mil coizas na lembrança
Largos dias andou atrapalhado
Da infelice Semele o imberbe filho.
A pacifica inercia deleixada
Que em descanso puzera este Rei forte
O tinha desprovido. O sangue seco
Nas pasadas batalhas derramado
Se via inda nas lanças nas espadas
Ja da negra ferruje carcomidas.
Tinhaõ teias de aranha os peitos d'aso,
Eraõ ninhos de rato os capafetes.
Mas vendo dos aprestos a manobra
De seus adversarios , ganha o fogo
Que pela longa pás perdido avia.
Prestes pasa depois a fazer gente ;
O imperio se revolve , e os vinheos povos
A' vós de feu Senhor ás armas velaõ.
Dobraõ-se sentinelas ; os avizos
Voando se despedem ; e he precizo

Ter

Ter de acordo na afaó os mais famosos
Insignes Generais em cada Reino.

Daqui , bom Santareno , de teus dias
Comezou a estreitar-se a larga teia.
Este o principio foi , estas as cauzas
Da tua, nunca afás xorada perda.

Avia em Portugal um Xefe experto
Na fordida Coimbra acastelado :
Dizia-se Joze , mas poucas vezes ,
Que o brado de feu nome mais notorio
Da terra lhe provinha aonde os lafos
De Himineu ternamente o tinhaó prezo.
Conta-se que faindo n'outro tempo
Este novo Quixote aventureiro
Pelo mundo a ganhar glorioza fama
No serviso do Rei dos bravos vinhos ,
E querendo a uma nova Dulcinea
O governo entregar de seus morgados ,
Ja que a Parca cruel lhe avia feito
A vês primeira o tálamo dezerto ;
Axára em Santarem uma Matrona
So digna de um Eroi , fo digna dele.
Na linhaje do fangue descendia
D'onrados Campioins , d'Erois de pinga.

Inda nos altos porticos pendentes
Conservavaõ-se os ramos de loireiro
Sem ter interrupção por brazoins d'armas,
Era ela bem talhada , o seu costado
Capás era da carga mais enorme.
Eraõ as suas faces dois prezuntos ,
Seu garbo majestozo , o passo grave.
Tinha o traje mais simples , mais modesto
Das modestas matronas do seu tempo.
De baeta um jibaõ de longas abas
Lhe cobria a bojudá humanidade.
Dos grosos cotovelos lhe pendiaõ
Alarves punhos de grofeira estopa.
Cingialhe em tres voltas enfebado
O carnudo caxaço um cordaõ d'oiro ,
D'onde so nos Domingos pendurado
Se via um rocicler lonjevo , e vasto ,
Que pela antiguidade que inculcava ,
Nas ricas enxurradas do diluvio
Se afenta ser axado *in illo tempore*.

Namorouse o Varaõ , namorouse ela.
Uniraõse c'o vinculo sagrado ,
E sendo sua Conforte Santarena
Quis taõbem Santareno apelar-se.

He pois preciso a este mandar ordems.
Baco perante si fás vir Cilenio ,
E ufano afim lhe dis com rosto inteiro.

Eu tenho neste mundo um vasto imperio :
Meu nome em toda a parte, ou mais, ou menos.
He venerado ; mas na Luzitania
Tenho o pezo maior de minhas forfas.
Em Coimbra he o centro ; ahi rezide
O Cabo principal de meus exercitos ,
O insigne Santareno. Nestes termos
Desta guerra he forsozo darlhe parte.
Tu pois afim lhe dize : Que abalados
Do sopro da Discordia os Povos A'queos
Nos tem guerra jurado , e alta vingansa :
Que cumpre rezistirlhes : boms soldados
Prezentar em campanha ; e dar conserva
Ao uzo introduzido , á grata pose
De ser fomite o vinho quem nas mezas
A sede satisfasa ; porque he esta
A cauza principal de seus rancores.
Que eu delé a empreza fio ; que entre os Luzos
Eu quero que ele só sustente a guerra.
Depois um giro faze , e aos meus Soldados
De toda a Luzitania que em Coimbra
Axarse devaõ logo intima as ordems.

Di-

Dife , e partiu voando o menfajeiro ,
 Até que as pandas azas encolhendo ,
 Das letras , e das lamas sobre a Terra
 Os talares pouzou bordados d'oiro.

Era dia d'Entrudo , e nas baiúcas
 O fujo canjiraõ vazando as pipas
 Aos freguezes enxia os grandes copos.
 Avia um confuzifimo barulho :
 Ferviaõ da janela as laranjadas :
 Surriadas , apupos , algazarras , .
 Os esguixos , os pós , o rabo-leva
 Tudo em dezordem poim. Vendo Cilenio
 Extravagancias tais pafmado fica.
 Penfa naõ de Coimbra ver os montes ,
 Sim da fertil Beocia o graõ Citéron
 Retumbando medonho em noite d'Orgias.

Entaõ do incomparavel Santareno
 Na furtida taverna entre a balburda
 Da fumoza vinhafa ardia o fogo.
Mais meia canadinha de uma parte
 Caído o beifo , e os carregados olhos
 A custo abrindo , c'uma vos fanhoza
 Pedia um dos da corja amotinada.
 D'outra parte fazendo uma carranca

Sobre tres azeitonas apostava
 Outro que tal que xuparia um frasco.
 Qual aos murros andava ; qual feis copos
 Tendo ja feito em cacos , com nos'ama
 Ateimava furiozo em naó pagarlhos.
 Daqui aos encontroids ums vinhaó vindo
 Afétando de ferios ; esbarravaó
 Comfigo nas esquinas dali outros.

Mas o Filho de Maia cautelozo
 Opurtuna monsaó de entrar espreita.
 Em fim axa uma aberta , lestes rompe ,
 Dá final , tem lifensa , á fala sobe ,
 E d'ambos os Espozos poimse á face.
 Declaralhes quem he , de quem mandado ,
 E da sua Embaixada o fim precizo.

Sem saber o que fasaó , largo espafo
 Ficáraó um e outro embasbacados.
 Ele indo com as mãos logo á cabeça
 Colávase , e na fordida poltrona
Aflito stare loco nesciebat :
 Ela está feito , la melhor compunha
 O seu recado. Finalmente o tempo
 Ja fazia dar oras ás barrigas ,
 E devia jantarfe. A Liberdade

En-

Entaõ dezempesando as linguas rudes
 A terreiro os tirou , e mais ouzados
 Entráraõ a feu modo a perguntarlhe \
 Alegres sobre Baco muitas coizas ,
 Muitas sobre Sileno. Dos guizados
 Da meza o xeiro ja neste comenos
 Consolava os narizes circumstantes.
 Pedida a taõ grande ospede lifença
 Subito se arregafa o Santareno ,
 E rogando o onráse , á cabefeira
 Da bem provida meza , instanciozo
 Para um pouco comer fes afentalo.

Ja no vidro dos pratos retiniaõ
 Refaltadas da carne as trinxadelas.
 (Podiaõse na gula encarnifados
 Ver os gordos Confortes dando aos buxos
 Tafalhos de prezunto tremendifimos !)
 Mastigando apresados resmungavaõ ,
 E do ospede em onra mil faudes
 Uma apos outra sem sefar faziaõ.

Mercurio da franqueza naõ pensada
 O fausto aparatozo em tal albergue
 Naõ podia admirar quanto era justo ,
 Porque alem das perguntas enfadonhas

A que cortês com prēfa respondia ,
De um pouco reparar deixar naõ pôde
Nos vetustos paineis enfarruscados
Que adornavaõ em roda a estreita fala.

Em um deles se via inda no berço
Entregue a Ino o pequenino Baco
Tendo as Ninfas em torno , e juntamenté
As Hiadas , e as Horas. Logo n'outro
Ja crecido plantava o bom bacelo ,
Ja o campo baldio agricultava.
Viafe mais n'um majestozo quadro
O severo rigor de séus castigos.
Estava de Licurgo o cazo infando ;
Mas ja com negra côr , ja roto o pano.
Com tudo ao natural se devizava
Golpeando ele mesmo as pernas suas.
Aqui o filho de Echion Tebano
Pela sua familia enfurecida
Se via cruelmente espedafado.
Ali de Meduline o parricidio ,
Mais abaixo Penthêo ás Furias dado.
Sobre tudo a fatal metamorfoze
Se admirava em leaõ fulvi-comado
Nos gigantes cevando ávida fanha.

Mas

Mas ja baixando o Sol , furgia a Noite.
 Trata Mercurio de partirse prestes ;
 Dos gordos Santarenos se despede ,
 Que falando ambos juntos , em confuzo
 So deixaõ perfeber , que descansado
 Seu Rei pode ficar , que em quanto aos braços
 O valor assistir , não aóde as Aguas
 Como pensaõ , levar a sua avante.
 E como ja nos cascos lhes fervia
 Em violentos caxoins o ardente fumo
 A cabeça fazendolhes pezada
 Dar c'o a barba no peito , e sobre os olhos
 Carregar importuno o grave sono ,
 Na mal mexida cama empanturrados
 Ambos foraõ jazer como dois odres.

Dormiraõ toda a noite os boms Alarves
 Rezipinos roncando a sono folto.
 Eis lá sobre a manhan um se espreguifa ,
 E fazendo tres cruces sobre a boca
 Enormemente aberta o outro acorda.

Saõ oras , dis o Eroi roufenhamente ,
 Trazeime efes calfoins , daime ca a vestia.
 Fora c'o a noite ! ha muitos tempos nunca
 Dormi noite pior ! Tudo eraõ pulgas ,

Tu-

Tudo sonhos , em fim tudo Diabos.
Até , por mais sentir , a Mofazinha
No quarto me deixou fexado o gato ,
Que toda a fanta noite andou miando.
Eu não perfenti nada , dis Madama ,
Pois foi tal a quebreira , tal o fono ,
Que bem podiaõ arrombar as portas ,
E sem que eu dése fé. Bem , pois que queres ,
O marido replíca , se tais sonhos
Eu tive , que por mais que quis pôr olho
Logo eles me espertavaõ : eu te conto.
Sonhei que estava eu na nosa quinta
Debaixo da nogueira ao pé da fonte
Sobre a relva dormindo a minha fésta ;
Eis fenaõ quando d'uma vala furde
Correndo em torcicolos uma cobra ,
E me entra pela boca : aqui um pulo
Dei eu , não perfebeste ? Eu não , dis ela.
Pois dei um grande pulo , e depois difo
Um pouco despertando , em sonolencia
Fui tornando a cair. E sonhei muitas
Outras grandes desgrafas que me esquesem.
Tornou ela a dizer : isto he verdade.
A's vezes taõbem tenho tantos sonhos ,
Que me fazem doer bem a cabêsa.

Porem vaite vestindo , anda depréfa
Se queres almoçar , que ja he tempo.

Tais réplicas , e tréplicas pasadas
Em fim a muito custo pos se fora ,
E na larga cadeira escarranxado
Asim dezalojando , á Mulher dise.

Ora sabes mui bem , Conforte amada ,
O onrado avizo que tivemos ontem.
O noso Imperador axafe affito
C'o a guerra declarada por Neptuno.
Eu sou um de seus xefes ; e a minh'alma
Aspira a coizas grandes. Desta forte
Na dança estou metido : vou agora
As ordems expedir que são precisas ,
Fazer gente com forsa : paciencia !
Nós para trabalhar nascemos todos.
Dá-me cá qualquer coiza ; um lombo bonda
Bastaõ dois pains , duas canadas bastaõ.

Fes-se bem como um Padre , e muito fresco
Saiu a averiguar os seus negocios.



CANTO III,

NESTE tempo no imperio de Neptuno
 Ja com todo o calor fervia a obra.
 Os fortes Generais debaixo d'armas
 Ja tinhaõ toda a jente , e á Luzitania
 Os vastos esquadroins marxando vinhaõ,
 Aqui de remotissimos Paízes ,
 De diversas Naçoins , diversas linguas
 Vinhaõ mandando Capitains diversos,
 Aqui vinhaõ Varoins destes pixozos
 A quem tudo lhe fede , e que fomite ,
 Por cauza das corrutas baforadas ,
 C'o vinho em odio eterno andáraõ sempre,
 Aqui de mal Francês , e de almorreimas
 Um sem numero vinha de axacados :
 Naõ faltando dos cálidos a turba
 A quem fizera sempre o vinho empôlas.
 Era em tres batalhoins formada a Tropa ,
 Guiava um batalhaõ Periclimento (a)

Ar-

(a) *Periclimento* : Neto de Neptuno , de quem recebeu o poder de se metamorfozear.

Arrogante , e temido : outro Achelóo , (a)
E o terceiro puxava á retaguarda
O velho Espozoz da cerulea Doris. (b)
Aqui vinha Protêo dos grandes Focas (c)
Regendo a tremendíssima caterva.
Talhando as curvas ondas na vanguarda
Iaõ nadando cem Tritoins desformes
Fazendo rebombar os buzios grandes.
E o Padre Oceano comandante
Supremo deste exercito temivel
Girava dando as ordems amontado
N'uma negra baleia monstuoza.

Xegáraõ do aureo Tejo em fim ás marjems,
Mas antes que o exercito alojase ,
Destá nova xegada em tom de guerra
Lhe foraõ dois Trombetas a dar parte.

No centro d'uma gruta penhascoza ,
Cujas ricas paredes eraõ d'oiro ,
E branca madreperola ondeante ,

Sen-

(a) Achelóo : filho de Oceano. Namorou-se de Dejanira amante de Hercules. Hercules combateu com ele metamorfozeado em touro , arrancoulhe um corno , e venfeu-o.

(b) O Velho , &c. Nerêo , filho de Oceano , e pai das Nereides.

(c) Protêo : vej. Virg. Georg. l. 4. v. 429.

Sentado sobre a urna , respeitavel
 C'o tridente na mão , e c'uma c'roa
 De verdes limos na rugosa fronte
 A embaixada resebeu o Padre Tejo.
 Quando assim dos Trombetas um começa.

Já , Padre venerando , aos teus ouvidos
 Xegaria talvês a novidade
 Da guerra que entre nós , e o Rei dos vinhos
 Pouco ha se declarou. Não me pertense
 Os motivos da afaõ esmiunfarte :
 Taõ fomite a dizerte sou mandado ,
 Que para dar principio á grande empreza
 Para esta Capital do imperio Luzo
 Das Tropas Oceano á testa marxa.
 Deves pois vir falarlhe ; que eu asento
 Que tem primeiro aqui seu bico d'obra.

Subia pelo rosto ao velho Tejo
 Ao tempo desta fala uma alegria ,
 Que ja mais asomára ao seu semblante.
 Levantase , o Palacio se alvorófa ,
 E para ir esperar taõ grande xefe
 As mais galhardas Ninfas a si xama.

Duzentas niveas , engrafadas Naides

De

De lindos olhos , que em prazer trasbordaõ ,
Solto o negro cabelo gotejante
Presto ali se apresentaõ caprixozas.
Ao carro sóbe o Tejo , ao carro d'oiro
Que guapos , e das muito-abertas ventas
Brotando soberboins torrentes d'agua ,
Seis cavalos marinhos vaõ tirando.
Em malhados golfinhos brincadores
Asentadas as Naiades o cercaõ.
O mar fas-se banzeiro , e longa esteira
Manfamente deixando a turba marxa.

Xegados que os dois Reis á fala foraõ
O Tejo rompe assim : Principe excelso ,
Se um pobre feudatario , bem que indigno ,
Qual eu sou , gozar pode a onra eximia
De darte albergaria em seu palacio ,
As demoras desprende , e á minha gruta
Dignate vir a descansar um pouco ,
Aonde a noso comodo sentados
Da forte dos Imperios trataremos.

Oceano afeitou condescendente
Do Padre Tejo a simples rogativa ,
E acolhendose á gruta majestoza ,

Indignado meu Pai , disse Oceano ,
Pela iniqua extorsão de seus direitos ,
Que dos vinhos o Rei dezaforado
Das jentes com escândalo lhe ha feito ,
Intenta guerrealo. Ele em pessoa
Viria á expedisaõ , se de seus anos
O pezo desta glória o não priváse.
Por tanto eu me incumbi das suas vezes :
E como de sua Corte na assembleia
Para isto convocada se asentase ,
Que o comêso em teu Reino fer devia ,
Visto que o General dos inimigos
Em Coimbra rezide ; pareseume ,
Por levarmos as coizas com mais ordem ,
Que nesta Capital sem perder tempo
A primeira faxina se fizese :
Depois , de meu poder com todo o pezo
Em Coimbra caísemos. Aproveu
Ao Tejo este discurso ; e entaõ tratáraõ
De mais ponderasaõ quantos negocios
Para aquelle respeito mais tendiaõ.
Saõ xamados os Cabos a conselho ,
E com acordo unânime se adia
A seguinte manhan para o combate.

He contra um grande Cabo que se devem

To-

Tomar as armas : não he Jan Fernandes ,
Nem Manel das Atacas o inimigo :
He contra o fafanhozo Talaveiras (a)
Tortulho enorme de invejada fama ,
Do vinho na milicia experto , e vasto.

Tanto que alvoreceu , logo no campo
As trombetas orrisonas bramáraõ ;
Cujo som de mistura c'o alarido ,
E roucos atabales largo espaço
Os muros fes tremer , e a gran Cidade
Soberba fundafião do Grego errante.
Ja prompto o Talaveiras aguardava
De Cilenio o prefeito a pôr por obra.
Na frente de seus bebados soldados
Corajozo se avansa : róxa altiva
Que as vagas sem pavor mujindo escuta.
Marxando vaõ as filas a compaço ,
E d'uma , e d'outra parte embravecido
O gradivo Mavorte afende os peitos.
As caixas daõ final , travase a guerra ;
De poeira uma nuve os ares turba ;
Levanta-se um clamor mais tezamente ;

Re-

(a) Um dos Taverneiros de grande conta que Lisboa teve.
Na dilatada teia de seus louvores são estes meus versos um ro-
mendinho.

Redobraõse as pancadas , corre o fangue . . .
Nada ha mais lamentavel que uma guerra !)

Foi renhida a peleja : longas oras
Pendeu a decizaõ n'ambas as partes.
Finalmente naõ sei que infausto cazo
Põs dos vinhos o exercito em dezordem ,
Que naõ pôde aguentar sobre feus braços
Dos aquozos dragoins o carregume.
Perdem todos a cõr , as armas largaõ.
(Entradas de leaõ , saídas d'afno !)
Cae aqui , cae ali , ums sobre os outros
Vaõ indo aos trambolhoins. O Talaveiræ
Reunilos intenta , mas de balde.
He de balde bradar : diques naõ sofre
Torrente por payor precipitada.

No campo ficou fo inteiro e forte.
O golpe univerval caiu sobre ele.
Das fetas , e das lanfas acravado
Parecia um pinhal o grande escudo.
Ninguem ouzou xegarlhe , que da terra
Naõ fizefe vermelha a superficie.

E que mais fês d'Olimpias o esforfado
Filho , o devastador do mundo invicto,

Jun-

Junto ao tronco , dos seus destituído ,
Quando o muro saltou dos Oxidracas ?

Mas a Morte d'Erois sempre avarenta
Metida n'uma bala fulminante
As pernas lhe atravessa , e despedasa.
Acurva a grossa máquina tremendo ,
E em terra baqueando he maxucada
Do violento tropel dos inimigos.
C'o este lanse *vitoria* o Tejo brada :
Vitoria , respondeu a xufma ovante ,
Vitoria pelas aguas , viva , viva.





CANTO III.

FOISE em folias a seguinte noite.
 Mas assim que a lus alma avermelhando
 No horizonte as globozas nuvemzinhas
 Começou a doirar o cume aos montes ,
 A venscedora jente enfurecida
 Respirando outra ves carnajem , fangue ,
 Vai de rota batida , e compafada
 Ao som dos belicozos instrumentos
 Demandar do Mondego as marjems frescas.

A seu falvo xegando se alojáraõ.
 Fas-se conselho , e por comum acórdaõ
 Para a um tempo levar ao Porto , e Aveiro
 O terror , e a vitoria Nerêo parte.

Em quanto isto assim passa , ja Coimbra
 Bem como um formigueiro ferverhava
 Atonita bradando. Eis muito conxo
 Correndo á préfa contra seu costume ,
 Vem um cambaio tutelar das aguas ,

O gago Vitorino , e o Santareno (a)
Fanfarraõ desta forte dezafia.

Cá-cá fora me'amigo , cu na rua ;
A'de ir aqui tu-udo c'o a maleita.
E ve-ve-ve veremos , e veremos
Quem-quem leva a melhor : xê-xegá'gora
Um nunca visto inzercito de jente ;
Saõ co-como mosquitos : se tem barbas ,
S'hé-s'hé-s'hé-s'hé capás ponhase em campo.

Qual grande Ferrabrás no xaõ deitado
Desprezando do garrulo Oliveiros
O louco dezafio , o Eroi prestante
Do Rino desprezou o stultiloquio.
Naõ se altera ; em seu rubido semblante
Naõ poim o Mêdo as cores da fraqueza.
Lijeiro , quanto sofre a corpulencia ,
A' trapeira alta sobe onde vija ;
E axando fer ferta a guerra em caza ,

Maõs perdidas , dis ele , faõ : ja'gora

C

Ou

(a) Vitorino , ou Rino : Aguadeiro de mal semeadas barbas ,
de gambias escanxadifimas , de gaguês inexplicavel , e de uma pa-
xorra inata na condução de seus carretos.

Ou venfer , ou morrer. Xamase ás armas ,
 E toda a jente sua acode prestes.
 Acodem d'Alemtejo , e Estremadura
 Bizarros Campioins : da Vidigueira ,
 Vila de Frades , Borba , de Vilalva ,
 Setubal , e Palmela. De Lisboa
 Axañ-fe os Carcavélicos mansibos
 De furibundo senho. Estañ do Algarve
 Mil Soldados d'embarque destemidos ,
 Mil de fima do Doiro , e das Bairradas ;
 E fañ mais de dés mil Coimbricenses.

Toda esta Soldadesca , he bem verdade ,
 Cavaleiros nañ fañ d'aureas esporas :
 Sañ rotos , bandalhains , babozos , porcos ;
 Mas qualquer deles um Eroj xapado
 De inaudito valor , corajem fuma ,
 Capás de se avanfar ao mesmo Alcides.
 N'uma palavra bebados eternos.

Entrase a rezenhar : cazo estupendo !
 Inda a mais d'um milhañ monta a rezenha.
 Formarse vañ da Feira ao grande largo. (a)
 A linda variedade em farda , e armas

Os

(a) Ao grande largo. Tudo vai das ipotzes.

Os olhos encantava : grande parte
 Em cambudos capotes romendados
 A trouxe mouxe postos se rebusa :
 Parte em mangas , e pernas , sem sombreiro
 Xeia de impavidês caminha aos tombos.
 Este trás um pixel , este trás quatro
 No alforje a tiracolo : um tres borraças
 De admiravel grandeza , e tudo xeio.
 Armados todos vem muito á ligeira :
 Nada de arnezes , peito descuberto ;
 A' excessão dos rompentes granadeiros
 Que feitos yaõ ali cabides d'armas.
 Com grevas , bacinetes , e lorigas
 Bem poucos se embarasaõ : a rodela ,
 A talhante farrusca colubrina ,
 A adaga , o varapão , a mafa , o xuso ,
 Conforme cada um melhor se ajeita ,
 He tudo quanto importa á mais da tropa.
 Nas pezadas carretas rexinantes
 Temivel ali vai das bocas negras
 A ignívoma tormenta : até naõ falta
 Quem leve junto a si feu caõ de fila.

Entaõ sobre um jumento de atafona
 Ricamente ajaezado , o Santareno
 As odreas pernas escarranxa a custo.

Veste de bode um tresdobrado coiro ;
 Poim um elmo de vides enlafadas
 Na caveira d'um tigre tremebundo
 Que lhe a grande carranca afombra , e adorna ,
 E empunhando na dextra uma tarasca
 De dilatada folha , vai bizarro
 Puxando os batalhoins para o combate.

Tanto que do lugar alcanse ouveraõ ,
 E os raivozos imigos avistaraõ ,
 Fas alto o Santareno , expede as ordems ,
 As fileiras divide , o campo afenta.
 Depois entre um falseiro procelozo
 De perdigotos que da boca xove ,
 Da sua jente á testa assim troveja :

Lembrar-vos , generozos Camaradas ,
 O que ides a fazer , fôra esqueferme
 Até de quem vós fois : eu sei que o brio
 A cada um de vós outros alentados
 Na ponta do naris brilhando falta.
 Ou morrer , ou venfer : a cauza he nosa.
 As Aguas de bazofia em vaõ não se enxaõ ,
 Custelhes caro se venfer quizerem.
 Corajem , meus amigos , oje a gloria
 Q'ate'qui se ganhou não vá perder-se.

Nos

Nos animos calou vinhi-potentes
 De tal forte a razão destas palavras,
 Que cada um deles se reputa um raio,
 E ja para envestir as trélas roem.

Agora, ó Muzas, não falteis ao Vate,
 Afopraime no peito o extinto fogo,
 Que he preciso cantar melhor que nunca
 O combate maior que os evos viraõ.

Deu final a trombeta Neptunina
 Aspero, forte, atrás, e formidavel:
 Nas cabesas as grenhas se arripiaõ,
 Bate mais forte o corasaõ nos peitos.
 Comefaõ-se a mover as longas alas;
 O medonho alarido se levanta;
 Daõ fogo os mosqueteiros; da descarga
 Sobe rapido aos Ceos enovelado
 O denso negro fumo; c'õ estampido
 Os cavernozos montes retumbando
 Enxem tudo de orror. Dos grandes eixos
 Parecia que a máquina do mundo
 Sacodida, em pedafos se fazia.
 C'um afoite na mão de duro ferro
 Os cruentos cavalos instigando
 Girava a impia Guerra o campo todo.

Os Soldados que a viaõ se animavaõ.
 A Dezesperasaõ á redea solta
 Corria furibunda , e sem maneira.
 As incendidas balas estridentes ,
 As mortíferas xufas enristadas ,
 Gemidos arrancando aos miseraveis ,
 Um inferno faziaõ. Alastrado
 De fangue viu-se em breve , e corpos mortos
 Da orroroza batalha o fitio extenso. (a)

Rocio , que em razaõ de vizinhança
 O nome erdado tems de Santa Clara,
 Se gloria ganhas oje em ser teatro
 De taõ fanguinolenta brava guerra ,
 O nome mudarás , e dos vindoiros
 Virás a ser xamado o campo Marcio.

De forsa neste dia altos prodijios
 A gente Bacanal fes mais que nunca.
 Qual , semelhante ao gato entre podengos
 Que o lombo em arco tendo enxorifado
 Fas provar velosamente em pulos destro
 Aos audazes fucinhos circumstantes

Das

(a) O fitio extenso. Repito o cavaco que dei respectivamente
 ao largo da Feira.

Das curvas físgas os lembrados golpes ,
 Para um , e outro lado dezenvolto
 Murros , e pontapés fervendo atira :
 Qual d'um talho c'o a espada aos dentes xega :
 Qual d'uma vês c'o a xufa quatro enfia.

Mas ja um Foca enorme e gueludo ,
 De dente anavalhado , unha rompente ,
 Cujo coiro entezado e verde-negro
 Se ria das mais fortes cutiladas ,
 Um vinheo Capitaõ tragando estava ,
 Quando o intrepido Andrade irozo acode. (a)
 Aqui ainda viu do miseravel
 Engolir os restantes calcanhares.
 Da vingansa o furor lhe sobe aos olhos ,
 Avansa aq monstro , e sobre o craneo rijo
 Da inimiga cabesa vensedora
 Com um buxo rolifo (arma cazeira)
 Mil golpes fulminando , o quebra , e esmaga.
 Tremeu convulso o monstro ; e o bruto sprito
 Aos ares se soltou envolto em sangue.
 Acodem muitos Focas , o Eroi cercaõ.

Os

(a) Andrade. Uma afetada doudice , ou uma continua bebedeira , uma tezaõ arrogante , uma catadura tórva , e uma eterna bandalhise , saõ os caratères que fazem sempre formidavel este fãfã-nhozo Sapateiro.

Os aquozos Soldados trepidantes
De fila cem membrudos cains lhe afulaõ ;
E , quais sobre a bigorna os malhos batem ,
As dentadas sobre ele a miudo fervem .
Andrade volta a um tempo a todas partes
O braço vingador : destróe , derruba ,
Atropela , maxuca , abola , mata .
Mas sendo ja sem conto os inimigos ,
Depois de longo espaço de conflito ,
Falto de forças vai beijar a fante .
Aqui (quem crerá tal ?) a todo o trance
Com mais de quatro mil inda combate .
Grandemente bufando aflito espuma ,
Revolve-se , braseja , e o xão mordendo
Pasmozos coices enraivado atira .
Forma mil carantonhas formidaveis ,
Qual trovaõ rujidor medonho berra .
Das dentadas a orrivel tempestade
Ja quazi o sofobrava ; eis dando um pinxo
Em pé se torna a pôr , e a brava xufma
Em fanaticos desfás c'o a maça dura .

Naõ te déraõ da fonte as alimarias ,
Valente Palmeirim , tanto trabalho ;
Bem que viste o broquel feito em pedafos
C'o as leoninas unhas ; bem que o tigre ,

Que a mal cortada perna inda arrojava ,
Te fes afucinhar c' o a garra ardente.

N'outra banda com obra azafamado
O ferós Damiaõ como um corifco (a)
Cae sobre o inimigo : aqui o atacaõ ,
Aqui destro acomete , rompe , afola.
Cada pedra que solta he uma granada
Onde vai desfarfada a orrenda morte.
Destrofa seis Delfims mesmo a pé quedo :
Fas rosto a dês varoins dos tais pixozos ,
E do primeiro encontro os desbarata.
Xovem nele os pelcuros abrazados
Dos áqueos Soldados impelidos ,
Como sobre os telhados em Janeiro
A faltante faraiva que Euro impele.

Ante os muros de Pérgamo mais bravo
O filho naõ pugnou da branca Thétis.

Nem eu te calarei , Caetano illustre , (b)
Afom-

(a) Damiaõ. Ha tres especies de embriaguês ; de leaõ , de ga-
lo , e de porco. A 1.^a pare os disturbios : a 2.^a as galhofas : a
3.^a o deleixamento. A deste Pedreiro he da 1.^a especie ; e conse-
guientemente funestos os seus efeitos.

(b) Caetano. He um *quidam* sexagenario , bebado da 2.^a espe-
cie.

Afombro de valor , peito de Marte.
 Tu ali fobre a terra o pé batendo ,
 Pancraciafta acérrimo , infofrivel
 Mais de mil defqueixafte a murro fêco.
 Mefmo o Duque Nemé famozo em murros
 De deitar-te agua ás maõs capás naõ era.

Mas naõ foprava a pérvida Fortuna
 Com ventos de servir á gente aquatil ;
 E fendo ja fenfivel a derrota
 Tocar a recolher manda Oceano.



CAN-

se , cujas dezencaixadas xocarrifes nos fazem ver , que he um
daqueles genios que sempre effaõ de caninha n'agua.



C A N T O V.

TANTO que a Mãi das trevas taciturna
 Desdobrou sobre a terra o manto negro,
 C'o a palma da vitoria ufano e alegre
 Dar'a seus Cabos um convite lauto
 Determina o Eroi pantafafudo.

Quem contar as galhofas desta noite
 Ouzado poderá com versos dignos?
 Foi entao quando o lépido Caetano (a)
 Cambaleando em meio do congréfo
 Fes com rizo estalar os circumstantes,
 Abrindo francamente de seus doutos
 Jocosos anexims o aureo tezoiro.
 Foi quando o Doutor Rito, sobre os ombros (b)
 Ten-

(a) Caetano. O mencionado no Canto antefedente.

(b) Doutor Rito. Um dos papelains mais celebres que o ocio nutre. Ainda que nunca lhe lembrou seguir os estudos, andou nos primeiros tempos de batina; foi Doutorado por seus mesmos Pais, e na sua propria caza, servindolhe ums calfoins de riso azul da insignia de capelo. Palra sempre de autoridade; he sorumbatico de natureza, e quazi sempre anda com tericia. A sua caza he de orates.

Tendo ums calfoins de riso por capelo ,
Ex cáthedra asentado , sobre pontos
 De guerra longas oras difertando ,
 Escarrou discrifoins , mijou conselhos.
 Sobre os bicos dos pés alevantado
 Aqui foi que o tacaó , gárrulo Xaves (a)
 Lodozo ganfo que a Castalia turba ,
 Batendo as fujas palmas na asamblea
 As Muzas invocou , e esta perlenga ,
 No modo que lhe he proprio , d'improvizo
 Recitou com torrente entuziasnado :

Nobilísimos Xefes respeitaveis ,
 A quem , não sem razaó , Lieu potente
 Fes de sua justifa defensores ;
 Vós outros tendes oje ao mundo dado
 Um raro exemplo de yirtude eroica.
 Ninguem de pôr na cara uma navalha
 He mais digno que vós. Oh se os meus labios
 Podescm proferir , se a minha lingua
 Podese articular quanto alma sente !
 Vós tendes os xibantes destrosado

Com

(a) Xaves. Bebado da 2.^a espeece : he de um notavel dezembraço , de uma verbozidade palmoza , e de uma mania de fazer trovas insofriavel.

Com o mesmo valor com que eu destrófo
Carangos nos calfoins , e na camiza.
Sim , vós os filhos fois abenfoados
Do invicto Basareu que onrais a Patria.
Naõ deziistais da empreza comefada :
Depois do que pafou , ja'gora o resto
Val tanto como escarro de tabaco.
E tu , graõ Jeneral , que o orbe afombra ;
Tu , em cuja cabefa mioluda
Minerva , e o loiro Apolo influxos largaõ ,
Es digno de rejer um grande Imperio.
O noso amado Rei entre o feu povo
Naõ pôde igual ao teu axar um caco
Aonde os seus deznignios se acomodem ,
Suas trasas se entendaõ. Os dezaftres
Naõ axaõ no teu buxo o estreito aperto ,
Que no de um bigorilhas : o teu buxo
Sem inda rebentar , tres mil dezaftres
Calado e sofredor alojar pode ,
Porque he muito mais vasto que uma adega.
As tres velhas Írmans doirados dias
Ainda te conservem : muitos anos
Ainda , ainda fejas no teu mando
Franco dispensador destes obzequios.

Afim clamava o Vate , quando atende

Que

Que estava *vox clamantis in deserto* ,
 Porque em fono os ouvintes sepultados
 Resonando a barraca atormentavaõ.
 Por tanto pauza fes ; uma canéca
 Presto escorropixou ; e c'os Anginhos
 Parefendolhe estar , fes fucia aos outros.

Mas nas tendas a jente estropeada
 Ja cuidava em curarse , e refazerse ,
 Quando um grande alarido ao lonje se ouve.
 Alegraõse os vencidos , novas forças
 Nos animos cobrando , porque pensaõ
 Ser xegado o foccorro que esperavaõ.

Afim era : Nerêo galhardo , e ovantõ
 Seguido de invenciveis combatentes
 Trazia de refresco o Doiro , e Vouga ,
 Capitains , que a derrota fomentáraõ
 Dos dois vinheos Erois de feus destritos.
 Dadas as falvas d'uma , e d'ontra parte ,
 Entaõ ele contou como em Aveiro
 Antonio do Ministro , Cabo astuto , (a)
 Soldado veterano , omem temivel ,

Fof.

(a) Antonio do Ministro. Foi em Aveiro um dos Taverneiros principais.

Forte se lhe opuzera em campo aberto :
Os manhozos ardís que escogitára ,
Os xoques que tivera , e seus encontros ,
Do nofo Vouga , que presentę estava ,
Os inclitos servisos referindo.
Depois pafa a contar quanto no Porto
Lhe déra que fazer uma Matrona (a)
Do que a Velha de Diu , mais guerreira ,
Mais fera que as do antigo Thermodonte ,
Que deraõ tanto lustre á Capadocia.
E não menos do Doiro ás nuvens alfa
A parte que na afaõ tivera onroza.
Em fim cónclúe , dando a ver os modos
Como d'ambos os dois desbaratados
Os olhos entregára ao fono eterno.

Oceano um pouco entaõ mais branda a pena
Da perdida peleja , aos vensedores
Amostrando um Real comprazimento ,
Comefou á tratar quanto era justo
Porfe por obra na manhan seguinte.

Alentafe em tentar novo combate

Je-

(a) Matrona. Uma *ejusdem furfurie* bem conhecida no Porto pela alcunha de Rainha.

Jeral , e decizivo. As tranfas loiras
No vermelho orizonte ao vento dadas
Mal que a Aurora amostrou madrugadora ;
Mal que os frajeis fugazes pafarinhos
Com a lus matutina comefaraõ
Nos verdes falgueirais a espenujarfe ,
Um xirlando , outro em módulos gorjeios
Enxendo de alegria a selva amena ,
Tudo se perturbou. Ergue do abifmo
A terrifica fronte angui-comada
Outra ves a maldita a negra Guerra.
Salpicadas de fangue as azas bate ,
E os longos arraiais tres vezes cêrca.
As buzinas , e os pifanos se tocaõ ,
Arrufaõ-se os tambores , treme a terra ,
E os marinhos pendoins dezenrolados
Vaõ no imperio dos ventos tremulando.
Aprestaõ-se os Soldados vensedores ,
E se vaõ encontrar c'os inimigos.
Ums ainda arrotando a ovos xócos
Vaõ enxendo as boxexas , e afoprando :
Outros se queixaõ que a xixelo velho
Muito a boca lhes sabe : em cuja arenga
Entretidos em fim o imigo arrólaõ.

Está'li Santareno altivo , e guapo

Sopezando na dextra a espada injente ;
 Qual atacada mina que promete
 Ruínas vomitar de imensa mole.
 De seus olhos pasmado está pendendo
 Seu exercito em pezo , aonde espreita ,
 Como os ventos em grimpa , da batalha
 O escondido suseso. A bateria
 Entaó começa com fragor medonho
 Da parte dos Neptunios combatentes.
 Foi uma das descargas mais funestas.
 Muitos dos mais valentes bebedores
 Do saborozo xá das tortas parras
 O derradeiro A Deus aos copos deraó.
 Encarnifa-se a jente , ferve a guerra ,
 Reina a Desolafaó , a Morte , as Furias.

Apoucando no campo os inimigos
 Avia longo tempo que bradava
 Para um nobre duelo decizivo
 Pelo Padre Oceano , um Serralheiro. (a)
 Monstro injente , desforme , aspêto orrivel ,
 A quem bravo , e colérico nas forças
 A um toiro igualára a Natureza.

D

Eis

(a) Serralheiro. Irmaó do Gigante Dramuziando , filhos do Enusuzlafmo , e da Fantazia.

Eis que ao lonje do Padre entre as falanjes
O brilhante pavês de tartaruga
Orlado c'uma pel' de ciocodilo
Os olhos anelantes lhe deslumbra.
Na grande maõ sopeza firme , ufano
Uma lanfa fatal de largo ferro ;
E brandindo-a valente , rexinando
Despedida a fes ir rompendo os ares.
O golpe refaltou do rijo escudo ,
E a ástea espedafada em terra cae.
O Padre embravecido o imigo busca ;
O imigo c'um montante se defende
Briozzo pelejando : mas o Padre
Por tempo entaõ poupar , de romania
Cerrou com ele , e o esmagou nos brafos.

Do mesmo vensedor ultimos golpes
Contra sua vontade onradamente
Sofreraõ dezafete Sapateiros ,
E alguns trinta Alfaiates neste dia.

Unidos os d'Embarque denodados
Aqui Górgones eraõ : nada em campo ,
Ante seus forfozifimos revézes ,
Que folgo respirafe , em pé ficava.
Nada menos fazia o Alemtejano ,

O Minhoto , e o Beiraõ. Naquele dia
 Com eterno desdoiro se encobrirãõ
 Os feitos que nos Gregos cadafallos
 Em torneio cruel outr'ora obrãrãõ
 Rozuel , Estrelante , e Belizarte.

Ali Nereo andava incontestavel ,
 Ali Periclimento em foras grande ,
 Ali o Padre Tejo , o Doiro , o Vouga
 As mais descomedidas tridentadas ,
 Que o mundo ha visto dar , ao imigo dando.
 Destroncava Achelõo mais cabeças ,
 Cerceava sanhudo mais orelhas ,
 Do que o fértil Brazil macacos cria.
 Mas vendo que sua ira inda sedenta
 Mais estragos dezeja , o arrojo toma ,
 O temerario arrojo de encontrar-se
 C'o grande Santareno. Este montado
 No asno , ao som de zurros espantozos ,
 Com guerreiro valor tempesteando
 Entre seus inimigos , como um rio
 De caudaloza enxente , que infosfrivel
 Na alagada campina arranca , e arraza
 Quanto lhe estorva a turbulenta marxa ,
 Levava a toda a parte o órror , e a morte.
 Acomete Achelõo em manhas ábil ,

Fáshe cara o Eroi ; quebraðse as lanfas ,
 E dos brutos c'o a furia abalroados
 Pinxað das felas pelas ancas fóra.
 Postos a pé aqui he que sað elas :
 Arrancað das espadas , talhað , cortað ,
 Estoqueiaú , desmalhaú : nasce fogo
 Dos afos petiscado ; ora se curvað ,
 Ora em bicos de pés raivozos se erguem.
 Os golpes se amiudað , girað destras
 As talhantes catanas : um sobre outro
 Vantajem nað conhefe um'ora inteira.
 Transforma-se Achelóo d'improvizo
 N'um dragað feio de farpada lingua :
 Espanta-se o Eroi , mas destemido
 Sobre as azas um córte lhe apresenta ,
 Que o fas baquear em terra. Novamente
 Em majestozo toiro convertido
 Impetuozo avansa : entaó por terra
 C'o a forsa do boléo o Eroi caindo
 Aos cornos se lhe agarra , e novo Alcides
 O faria em pedafos desta feita ,
 Se em mosca transformado , n'um momento
 Lhe nað fojé sutil , cobarde , e fraco.

Entretanto a carnajem sanguinoza
 Voando devaftava o campo todo ,

E d'ambos os exercitos provavaõ
Os nobres Capitains dezasombrados
De valor naõ comum , naõ vulgar fama.

Mas a gente marinha defangrada
Do ferro Bacanal ja naõ podia
De brutos taõ indomitos a sanha
Nas filas sustentar. Entra a dezordem ,
E toca a retirar. Ja de Anfitrite
Aos palacios Reais se encaminhava
O férvido Titán palido , e triste
A darlhe a infauſta nova da derrota ,
Que em sua gente a seu mão grado vira.
Caindo as sombras vem dos altos montes ,
E d'uma , e d'outra banda sepultura
Se entra a dar aos cadáveres que alastraõ
O campo da batalha , e daõ aos olhos
O orrozozoz matís que a Guerra estende.





CANTO VI.

GEME o Padre Oceano inconsolavel
 No fundo de seu peito , e mais aguda
 Começa a renovar-se a dôr antiga,
 O malogrado fim de seus dezenhos
 He um dardo punjente , que as entranhas
 Lhe pica , e despedaça ; e quem não soube
 Dos purpureos Eros ceder ás forças ,
 Em fim cede á mortal melancolia,
 Tanto pôde a paixão n'uma alma grande !

Fexase triste no tentorio Regio ;
 Ninguém ouza falarlhe ; solitario
 Só quer por companhia o pensamento,

Passadas oito oras em silencio
 Manda entrar os seus Cabos : pensativo
 Sobre a meza encoestado o cotovelo
 Na mão esquerda descansava o rosto ,
 Gotejandolhe em lagrimas banhadas
 As venerandas cans da longa barba.

Ama-

Amados filhos (vagarosamente
Tendo erguido o semblante macilento
Assim lhes dis) Amados filhos, nunca
Taõ fera atafalhou meu peito forte
A tirana Paixãõ ! Nunca minh'alma
Tanto vi afracar ! . . . Fatal derrota
Foi esta que no livro do Destino
Lavrada estava em caratères negros
Pela férrea maõ da atrós Desgraça !
Nofas forsas (as forsas invenciveis
Que tem amedrentado o mundo inteiro !)
Abatidas as vedes , destrosadas
Por barbaros Salvajems , por ums brutos
Que nada por si tem mais que fortuna.
He pois tempo , surjâmos acordados
Deste pelago vil de cobardia
Onde a triste vergonha nos asoita.
Para o imigo vencer quem se embarasa
Que aja esforço , e valor , ou que aja dolo ?
O que forsas não daõ , ardís alcansem.
Todo aquele que vir que melhor pôde
Ao exito xegar do que intentamos
Meta maõs ao trabalho , dêse préfa
E reduza a pedafos esta canga
Que tanto no caxaso nos carrega.

Levantase do asento entao pacato
 O Veio guardador dos grandes Focas ,
 E no meio do conclave luzido
 Dest'arte descarrega a consciencia.

Até'gora eu nao quis a colherada
 Nestas coizas meter ; vos tendes feito ,
 Tendes acontecido , sem quererdes
 Pedirme , nem ouvir os meus concelhos,
 Porem quando a tortura a tal extremo
 As coizas vai levando , oporme devo
 E servir a meu Rei , qual pofo , e valho,
 Os Deuzes , caro Pai , tem-me eninado
 As coizas do por-vir caliginozo.
 Eu antevi estes dezaftres feios ,
 Mas eu sem ser forfado nao predigo,
 Por castigo talvês dos Deuzes fofe
 Ao vofo dezacordo. . . , Porem basta ,
 Ja tudo se pasou , agora eu mesmo
 Tomar á minha conta a empreza quero,
 Socega , amado Pai , o Eroi da pinga
 De meus tiros o alvo a fer comeca.

Recobrou novos animos o Padre ,
 E do filho nos ombros sempre firmes
 O pezo descansou da grande guerra.

Pro-

Proteo., que nos ardís exp'imentado
Fôra sempre instrumento a mil fafanhas ;
E cuja calva frente laureada
De importantes factoins sempre saíra ,
Um pouco sobre o cazo confid'rando ,
Este accordo felis contente abrafa.
Vaiſe ter çom a Aſtucia enganadora.
He eſta uma rolifa Moſatona ,
Que veſtida de peles de rapoza ,
E empunhando na dextra um rico cetro
Domina fobre os omems ; manda , impera
Os indomitos tigres , quais cordeiros.

Em quanto pois bulindo deſenvolta
Lhe xamejaó os olhos inquietos
Por ouvir o que quer dizerlhe o Velho ,

Eu quero , lhe diſ ele , que te empenhes
Agora em focorrerme quanto pôdes.
De Baco um General meu inimigo ,
Xamado por alcunha o Santareno ,
Do eſorfo ou da fortuna focorrido
Tem triumphado das aguas. Oceano
Ja derrotada a flor de ſua jente
Suspira inconſolavel. Mas dos livros
Do tremendo Deſtino irrevogavel

Eu

Eu fei que o Santareno ao ferro ao fogo
Não tem de dar a vida nas batalhas ;
Pois uma pouca d'agua em ora infausta
Bebida , ha de arrancarlhe ao corpo o sprito.
O buzilis porem confiste agora
Em fazerlha beber sem que ele o faiba ,
Por quanto este animal temlhe odio eterno.
Todavia a este lafo que lhe tramo
Fugir não poderá. N'um arrabalde
Não lonje da Cidade , brevemente
Farfêhá uma funfaõ que ele não perde.
Aqui pela canseira do caminho
Moído xegará , suado , e lafo.
Forsozo he pedir vinho , isto não falha.
Tu pois , que és marralheira , ásde mui prestes
Em sua mesma Môfa transformarte ;
E eu tornado em agua facilmente
Na vazilha entrarei que tu lhe debes
Lampeira ministrar. Ele sedento
Nem se he vinho , ou se he agua reparando
A enfuza vazará no grande buxo.
Deste modo a meu salvo os intestinos
A'vido devorando o darei morto ,
E terei concluido a grande empreza.
Vamos pois sem demora vem comigo.

Vamos onde quizeres ; infofrida
A Astucia respondeu. E logo promptos
Metidos n'uma nuvem negrejante
Tirada por seis Euros ruidores ,
Despejando coriscos sentelhantes
Ao orrorozo lom d'um trovaõ grande
Sobre a airoza Coimbra em fim baixáraõ.
Mas como do Deleite o Santareno
Estava no país , ordena Próteo
Que a Astucia dali facar o fafa ,
E á Cidade o conduza aonde a trama
Para o pobre cair armar pertende.

Entre os longos Estados da Mentira
Infame Imperatris da maior parte
Da terráquea mole , junto ás fraldas
D'uma verde colina alcantilada ,
Sobre um campo espafozo , plano , ameno
A que regaõ d'um rio as manfas aguas ,
A galante Cidade encantadora
Do vaidozo Deleite está plantada.
A pálida Doença , os Desprazeres ,
Os Remorfos crueis , a orrivel Morte
O cume senhoreiaõ do alto monte.
Mas o Engano traidor , c'um tolde espêõ
Tudo isto ávido encobre á gran Cidade.

Nela tudo he prazer., tudo he descanso.
 O povo abitador ao ocio dado
 Só cuida em divertir-se : o Baile, o Jogo,
 Os Cantos, a Luxuria, os Boms-bocados
 Aqui abítao ledos : pelas ruas
 Amplas Satisfafoins andaõ jirando
 Ministros de feu Rei : feu Rei parece,
 C'o as fraudolentas côres que a Mentira
 Arteira sobre modo o tem pintado,
 Um rapás mui loufaõ de afavel jesto.

Aqui de toda a parte os povos correm
 De seus ferios deveres deslembrados
 A pedir a este Rei, quais seus dezejõs,
 Tais as Satisfafoins, que outorga facil.
 Aquia avía vindo o Santareno,
 E a meiga sua Esposa a Santarena,
 A pafar alguns dias fatisfeito
 Do fim da grande afaõ com que ultimando
 A mais árdua vitoria felismente,
 Tinha a um nome de impávida memoria
 Por entre o ferro, e o fogo alcanse dado.

Mas a doloza Astucia que naõ sabe
 Desvelada perder monfaõ de efeito,
 Por Próteo infligada, em continente

As cambiantes azas solta aos ares ,
Dá nele d'improvizo , e assim o ataca :
Dos remorfos se val acuzadores ;
E por uma maneira extravagante
De feu alto saber samente propria ,
C'o as cores da razaõ na triste ideia
Seu vil procedimento lhe debuxa.
Fazhe ver com a mesma consciencia
Como he mais justo que um Eroi constante ,
Que as desgrafas tratou de bagatela ,
Em as prosperidades não se infune.
Que não dê que falar ao povo rude ,
Que murmurante na Cidade o acuza
Pelo ver aos prazeres tão sensível.
Que deve a sua caza retirar-se ,
Tirar do vencimento útil proveito ,
Não confiar-se em si , porque inda as Aguas
Estancado não tem as forfás vastas.
Aqui do astuto Anibal trashe á mente
E do Magno Pompeo exemplos vivos ,
Que ja devem fazelo escaumentado.

Em fim estas sollicitas lembranças
De tal forte do Eroi fervelhaõ n'alma ,
Que em si caindo parte rezoluto.



CANTO VII.

E NTRETANTO em Coimbra amotinada
 Era inda o pasmatorio inexplicavel
 Por cauza do trovaõ medonho , e orrivel ,
 Que desde os fundamentos abalára
 As altas cazas , e fizera aos finos
 Por si mesmos tocar nos campanarios.
 Soava Saõ Jeronimo inda em partes ,
 E em outras Santa Barbara bermdita
 Com espantozos berros ; e a vizinha
 A' timida vizinha inda contava
 Das viboras de fogo cõr de enxofre ,
 Que tortuozas rápidas caíraõ.

Os dois obézos vultos , que fozinhos
 Pelas sombras da noite caminhavaõ
 Vinhaõ afustadifimos : em bica
 Lhes corria o suor , e sem falarem
 Só vinhaõ nas camandolas sebentas
 Ave Marias mil , e Padre Nofos
 Ums apõs outros engolindo a medo.

A caza em fim xegáraõ , e por terra
Depois de averem dado aos Ceos as graças
Pelos ter dos perigos defendido ,
Entaõ uma Sobrinha por miudo
As coizas lhes contou que se pafavaõ.
Diselhes , que depois que eles se foraõ
Ao feu divertimento , na Cidade
Em nenhuma outra coiza se falava
Senaõ no grande risco a que feu Tio
Tinha ficado exposto ; que entre dentes
Naõ fei que se rosnava ; pois que o Xefe
Inimigo tentava armar occultas ,
Fraudolentas traifoins ; que era preciso
Cautela , e mais cautela : acrescentando
Que teve ums sonhos (de que Deos nos livre)
Mesmo áquele respeito afás funestos.
No que naõ creu o Eroi ; porem Madama
C'o a noticia em extremo intimidada ,
Asentando que ali avía agoiro ,
Fês que viesse a caza no outro dia
Uma ábil Franxinota a lerlhe a fina.

Assim foi : uma veio afás jocoza
De cabasa , e bordaõ , trincos nas repas
Formados em torcidos papelotes ,
Pálidas maõs , agaloadas unhas ,

Altas as faias com franjoins de lama ,
 Murfa nos ombros de enfebado coiro '
 Com redondas conxinhas matizada ,
 E um de languidás ábas xapeo rufo
 Com varios em redor Santiaguinhos
 No alto da cabesa côr de estriga.

Era esta sagacissima , adestrada ,
 Mostra no ultimo ponto em Chiromancias.
 Olhou , examinou , tomou medidas ,
 Mas viu mil cruces na polpuda palma
 Do magnanimo Eroí , mil entrelinhas
 Cortando inteiras linhas , mil figuras ,
 Mil indicios em fim de agoiro aziago,

De caza em todos tomà pose o fusto :
 Parece cada cara uma laranja.

Porem o Santareno que prezume
 Ser em materias tais dezabuzado ,
 Que nunca em Bruxas creu , ou Lubizomes ,
 Deita estas coizas para trás das costas.
 Trata de divertir-se , e em mais não pensa.

Ai de quem da memoria o adagio varre
Quem inimigos tem dormir não deve !

Xegada estava entãõ uma romajem
 Dia de Pentecoste , onde Coimbra
 Em pezo aos Olivais fair costuma.
 He esta uma funsaõ das mais luzidas
 Daqueles arrabaldes ; ali entra
 Tudo o bom , e bonito ; ali se encontra
 Todo o recreio de qualquer espece.
 Veemse ali jocosissimas Comedias
 No amplo teatro do arraial vistozo.
 Veemse as Trajedias de orrorozo aspêto
 A sena enfanguentarem. D'uma parte
 Esgrimese com ansia a espada preta ,
 D'outra em jogo de pão soa a lambada.
 Aqui n'umas mezinhas enfeitadas
 Mosas de arromba , que os tafuis arrastaõ ,
 Vendem d'envoita c'o as xulises torpes
 Sédifo doce de mil castas feito.
 Ali nas afadeiras xia a carne :
 Esta freje a fardinha , aquela os ovos ,
 Uma vende agua ardente , outra beijinhos.
 A fresca como neve limonada
 De resto ali se trata : ali triunfante ,
 Como em brilhante trono , sobre um carro
 De cana , parra , e loiros enramado ,
 Adoradores mil em torno tendo ,
 Vêse a *sine-qua-non* excelsa Pinga.

E que peito de páo , que alma de palha
 Poderá infensível n'um tal dia
 Ao recreio negar entrada franca ?
 Um omem de bom senso , e que se préza
 Ser da onra , e do respeito alumno ferio
 Ha neste dia de trancar infano
 Em maismorra domestica o seu gosto ?

Naõ era , o noso Eroi naõ era filho
 De pai que tal fizese. Espoza cara ,
 Dis ele , he nefesario naõ perdermos
 Os uzos , e costumes : he xegada
 A minha romaria : resta veres
 O que eide merendar ; pois tu bem sabes
 Que nisto da funsaõ consilte o todo.

Mas a crédula Espoza , a quem agoiros
 Sempre grande impresãõ fizeraõ n'alma
 Aflita com excessõ assim lhe argúe :

Onde queres tu ir ? Tu serás doido ?
 Credo ! Apelo eu ! Lenho da Crus Santa !
 Naõ vês , alma de Deus , como danados
 Andaõ teus inimigos de alcateia
 A ver se te devoraõ ? Tu naõ queres
 Inda acabar de crer ? Eu bem te avizo.
 Se queres merendar , merenda em caza ,

Dei-

Deixa lá ir quem vai á romaria.
 Bem viste a Franxinota o que te disse
 Quando lendo te esteve a *buena dicha*.

Ai , temos conversado , a Deus Senhora ;
 Quero ir á romaria , tenho dito
 (Replíca ele agastado) vá dar ordem
 A um fardel em termos : ca por ora
 As Aguas nunca me fizeraõ papo :
 Não temo de ninguem , só de Deus temo .

Com efeito apromptouse uma merenda ,
 Que para outro qualquer fôra um banquete.
 Era uma perna de vitela tenra
 Com Anjelico molho temperada
 Segundo os boms prescitos que arte ensina :
 (Ele a tinha aprendido com boms Mestres)
 De prezunto era um grande pratarrazio ,
 De porco quatro pés , seis orelheiras ,
 Uma lebre , um leitaõ , sete coelhos ,
 Ou láparos talvês ; afóra o lombo
 Que estivera ate'li de vinho d'alhos
 Iaõ sinco ou seis pains de imensa mole ;
 Coroando por fim a obra toda
 Xcia de vinho a pel'd'um bode d'amplo
 Desmedida grandeza : odre admiravel ,

Qual nunca em feus opíparos banquetes
Teve de Bromio o orelhudo Socio.

Mas vem a cada porco um S. Martinho.
Em fim he tempo , os duros Fados inflaõ ,
E Lachesis da roca por momentos
Vai tirar ao Eroi o ultimo fio.

Da partida se trata : a carga opíma
Da profuza merenda em dois alforjes
Um burro fas vergar : na maõ c'o as contas ,
E c'o a borraxa á cinta , o Santareno
A maguada Esposa prende , e abrafa ;
E entre doces colloquios até a noite
Seguro se despede. Miserando
Que ignora que esta noite ao prazo dada
He por ordem dos Ceos a noite eterna !
Entaõ tres vezes que dirige os pasos
Da porta ao lumiar , tres vezes dentro
Se torna perturbado , inquieto , mudo.
Preságo o corasaõ dentro no peito
Agitado lhe bate : mil lêmbranfas
De montaõ o atacaõ : anda , pára ,
Nem sabe a decizaõ que tomar deva.
Mas se o que tem de fer , tem muita forsa ,
Com eróico valor tanto imbecilho
Rompendo finalmente a estrada avansa.



C A N T O VIII.

V AI a ultimarfe a empreza. Numen terno,
Que os influxos nos lúgubres cantares
Da Heliconia montanha aos Vates mandas ,
Para oje acompanhar meu canto triste
A minha lira d'évano tempéra ,
E nas cordas me enfaia os dedos broncos ,
Q'a impreterivel ordem dos fuféfos
Ja me fas o final de pôr aos olhos
A lastimoza fena em que a Desgrafa
Deixou que á vergonhoza cobardia
Cedese o alto valor d'um peito nobre.
O estro se me afraca , o pulfo treme. . .
Eu quizera esquivar-me ao pezo enorme. . .
O' Muzas ajudaime. Ja sentado
Sobre a relva do campo verdejante
Onde da romaria a jente estava
Nosso Eroi dezabotoava impando
Os graúdos botoins da imensa vestia.
Ja mais em ano algum ele sentira

Em

Em função semelhante entre folgares
 Taó grande desprazer dentro em si mesmo,

Ui lá ! q'inda este burro não xegase !
 Valhame Deus , forte tardança he esta ,
 (Dizia ele lá consigo mesmo)
 Nem moço , nem dinheiro , nem garrafa ;
 Mão está o negocio. . . E assim rosnando
 Sentado cada vês mais se aflijia.
 Levantase , o capote aos ombros puxa ,
 E gozando do fresco deleitozo ,
 Que o zefiro das azas sacodia
 C'os olhos do concurso em torno gira,

A precavida Astucia , que d'um alto
 Todos seus movimentos atalaia ,
 Entaó em Mõsa feita , de tal forte'
 Que a sua em carne , e oso fer parese ,
 Sae d'entre o barulho , e contra o Amo
 Os concertados pasos endireita.

Ora grasas a Deus ! Pois inda'gora
 He que tu la de vir oras axaste ?
 (Lhe dis ele agastado) Morto á fede
 Ha mais de duas oras aqui posto.
 Sem xegar inda o vinho ! Irra c'o a festa !
 Por onde tems andado ? Q'he do burro ?

Como quem d'um perigo ilezo escapa ,
 Que fica longo tempo , em dezabafo
 Do afito corasaõ que á préfa bate ,
 Canfado respirando , e da garganta
 A fala desprender livre não pode ;
 Assim depois de um pouco estar an'ele
 Descansando arquejante , e fadigada ,
 D'est'arte entre ipotéticos enfados
 Zangada a Mosa apócrifa responde :

Ah Senhor ! que me dis ? Sabe os trabalhos
 Q'efe burro nos deu ? Olhe a empreitada
 Melhor não pôde fer. Mais de oito vezes
 Tem caído c'o a carga : eu e o Fernando
 Temo-nos visto Gregos : os alforjes
 Vem todos lameados : as cafoilas ,
 E frejideiras todas se quebráraõ :
 (Cada palavra destas piamente
 Creio que era no Eroi uma facada
 Segundo as cores mil que ao rosto dava)
 Os molhos se verteraõ ; finalmente
 Caminhando adiante eu vim mais prestes
 Somente por pensar que esta tardansa
 Lhe daria cuidado. E não pequeno ,
 (Torna ele) esa está boa ! Esta somente
 A mim he que susede. . . Paciencia :

Que

Que lhe avemos fazer ? Eide matarme ?
 Não ; matefe o Diabo. Vai deprefa ,
 Que eu tenho muita fede , e eftou fuado ,
 Buscar meia canada n'uma enfuza ,
 Que eu não pofo esperar que o odre xegue.
 E traze do melhor , anda depréfa.

A Astucia mais não quis ouvir ; e dentro
 Do barulho fumindose contente ,
 O fatidico Vate que a aguardava
 No aprazado lugar buscando encontra,
 Mutuos parabems ambos se prestaõ ,
 E sem que dois minutos se esperdisem
 Em agua o ávido Velho se transforma ,
 E na enfuza se mete. Corre , voa
 A fatal Portadora. O Santareno
 Tanto que a enfuza enxérga , ja sem tino
 As guelas abriu voraginozas ,
 E , sem fazer no gofto algum reparo ,
 Alambazado , e sofrego d'um trago
 Em vês de vinho foi beber a morte.
 Dominante entra Próteo. D'improvizo
 As entranhas do Eroi rujindo eftalaõ ;
 Com orrorozas vascas treme o corpo :
 Os brafos se lhe eftrixaõ ; torce a boca :

Re-

Revirados os olhos se lhe vidraõ ,
Os dedos fexa., estende as pernas , morre.

Ah barbaro traidor ! Que gloria , ou fama
Defeito taõ atrós , de asão taõ crua
Pertendes alcanfar ? Sempre em meus versos ,
Se versos os meus versos sempre forem ,
Notado tems de ser de vil , de infame.

Morreu o Santareno. As longas azas
Batendo logo a xocalheira Fama
O boato espalhou por toda a parte.
Alvorófafe o Povo , corre , inquire ,
E cercaõlhe o cadaver. Escumava ,
Ainda quente o corpo ; e a Morte pálida
Ja lhè tinha das faces desbotado
O vivo vermelhaõ. Ceos ! que terrores ,
Que frios sustos , que orrorozos pasmos
Esta morte naõ cauza á gente toda !
Eis uma tumba a multidaõ rompendo
Lá o condús em si levando fitos
Os tristes olhos da palmada jente.
A funsaõ se desfás , tudo se abala ;
E o jeral sentimento nos semblantes
Dos calados Romeiros vem pintado.
Tal se tira lisaõ destes exemplos !

A caza a tumba xega : o povo a porta
Rodeia em turbilhains : toda a familia
Frenética rebenta em pranto amargo.
Da caza que refoa sem maneira
Fere as aureas estrelas o alarido.

Ja mais aparefêra em nosos dias
De dezordems taó funebre um teatro !

Mas na Espoza infeliz que alma ferida
Ja tinha desde muito , entaó se acaba
De cravar o punhal fangui-fedento.
A fala se lhe toma , as cores perde ,
Suspira , desfalese , em fim desfmaia.

So a linda Sobrinha , linda mesmo
Como Deus a criou , largando as redeas
Da violenta paíxaó que sofreava ,
Infana fere as boxexudas faces ,
Fórma gritos d'espanto , e as maós fexando
Uma n'outra , indizivel xoradeira
Fas nestes termos pouco mais ou menos.

Ai Tio da minh'alma ! Bem dizia-
Bem diziamos nós que não saíse !
Que negra romaria nos foi esta !

E que áde fer de mim? . . Oh. Ceos, eu morro.
Ai de mim! Ja (quem tanto me queria)
Naõ me ouve aqui xorar mesmo ao pe dele!
Ja naõ fala , morreu. . . Forte desgrafa ,
Senhor , forte desgrafa ! Quem diria
Que n'um pouco de vinho fose a morte?
Mas ah ! que a mim do sonho inda me lembra
Que ele os tempos atrás de noite teve !
Oh mal-aventurado , triste dia !
Nunca tu. . . E assim continuava
Abrindo , e com furor fexando as portas.

Em tanto a si tornando a Esposa Eroica
O amortalhado corpo apenas pôde
Só ver , e abraçar , porque fexada
Quis dar á sua magua o dezafogo
Que a todos nos enfina a Natureza.

Naõ ouve caõ nem gato a quem deixase
De custar quatro lagrimas tal perda.
Todos , bom Santareno , te xoráraõ :
Nas mesmas sentidifimas adegas
Ainda oje se veem lagrimejando
Os bojudos toneis , as gordas cubas.

Mas que ternura em mim! . . Ah! vinde,vinde
Mi-

Minhas lagrimas ternas , que tributo
 Melhor não pagareis á sua memoria.
 Oh mal aja o primeiro , que das guerras
 A praga fes cair no pobre mundo :
 Nefanda praga dos mortais verdugo ,
 Donde veio a dezordem , donde os roubos ,
 Donde a defolafaó , a mortandade.
 Ditoza Pás , dos Ceos abitadora ,
 Serena filha da Ventura eterna ,
 Que os mizeros umanos tanto alegras ;
 Se fora mais privado o teu imperio ,
 Se a excranda Discordia não ouzára
 Entrar com maó armada os teus limites ,
 Lanfar ne'les o orror , destronizarte ;
 Ainda o meu Eroi de glorias xeio
 Alegiára vivendo os nosos dias.
 Mas não fufede assim : est'alma nobre
 Foi do sofego feu dezapofada
 No melhor de feus anos : os trabalhos
 Mais as consumifoins , que de rezerva
 Dispostos a atacalo andavaó juntos ,
 Fizeraó nele o tiro ; e o bem-fazejo ,
 O braço liberal que no regafo
 Da esfaimada Pobreza amplos tezoiros
 Franquear costumava viu-se a ponto
 De pegar da espada. Mas que forsa

Não

Naõ era a de feu braço ? Que grandeza
A de feu coração robusto , e forte ?
Ah ! e que A'tropos cega , e sem acódo
Condene ao mesmo golpe o poltraõ baixo ,
E o magnanimo Eroi , que a Patria onra !

Amigos deste Amigo , se inda o zelo
Vos aquece as afoins , eia xoremos ,
Naõ sejamos ingratos , indolentes :
O luto se conheça , banhe as faces
Um saudozo pranto. Quem mais fácil
Satisfês algum dia , que este Amigo
As nosas precizoins ? Quando caía
Das nuvens gêlo aspérrimo que o fangue
Nas veias encalhava , quando a negra
Mortal Melancolia o peito inerme
Cruel nos abafava , elle benigno
Naõ nos dava o remedio , apenas via
Junto á porta afomar nosos garotos ?
A quem mais beneficios , mais louvores
Poderemos dever , telhas abaixo ?
Ai de mim , que naõ poço , ó grande Amigo,
Xorar a tua perda incomparavel
Com pranto de ti digno ! Oh s'eu podera
Gastar agora umor de Carpideira ,
Noite , e dia regára o teu sepulcro.

Tu es digno de lagrimas eternás.
Eroi sempre invenível, que fizeste
Notar teus aleivosos inimigos,
Se venferte quizeraõ, c'o a infame,
C'o a dezonroza marca de cobardes;
Varaõ constante, que arrostafe os lanfes,
Qual aguia majestoza arrosta os ventos.

Arrepele os cabelos sibilantes,
Que a fronte negra esquálida lhe arreaiaõ;
Raivoza a lingua morda, dê bramidos
Maiores que trovoins a magra Inveja;
Tu cantado ferás: teu nome egregio
Na létárgica veia entre cardumes
De populares deslembados nomes
Naufragio naõ fará: em pás descanfa,
Seja-te leve a terra que te cobre,
De teus osos a pás ninguem perturbe.
Deixefe ao Tempo revolver a roda:
Tems sempre de ser celebre no mundo,
Sem que a fama de Heitor te fasa sombra,
Sem á dita de Achilles ter inveja.

F I M.

*Pascitur in vivis livor : post fata quiescit ,
Cum sūus ex merito quemque tuetur honos.*

Ovid. Am. l. 1. E. 15.



